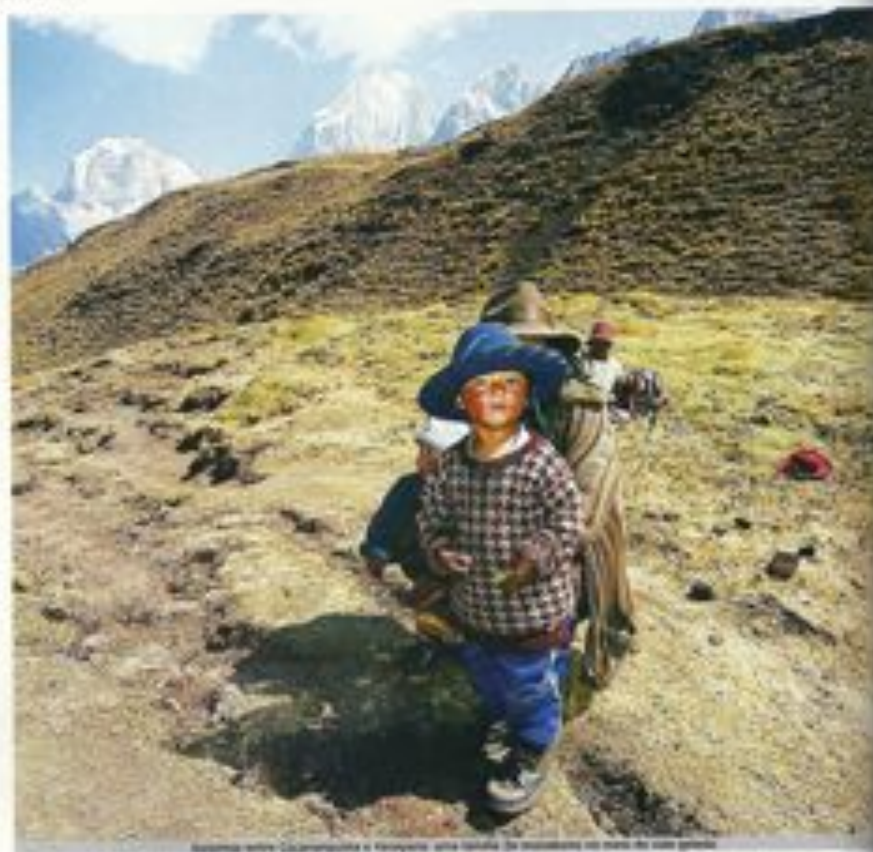


10 dias à beira dos abismos de

HUAYHUASH

A travessia desta cordilheira peruana, com vários picos acima dos 6 mil metros, é para montanhistas de sangue frio e coração forte. Mas veja as fotos e responda: não vale a pena?



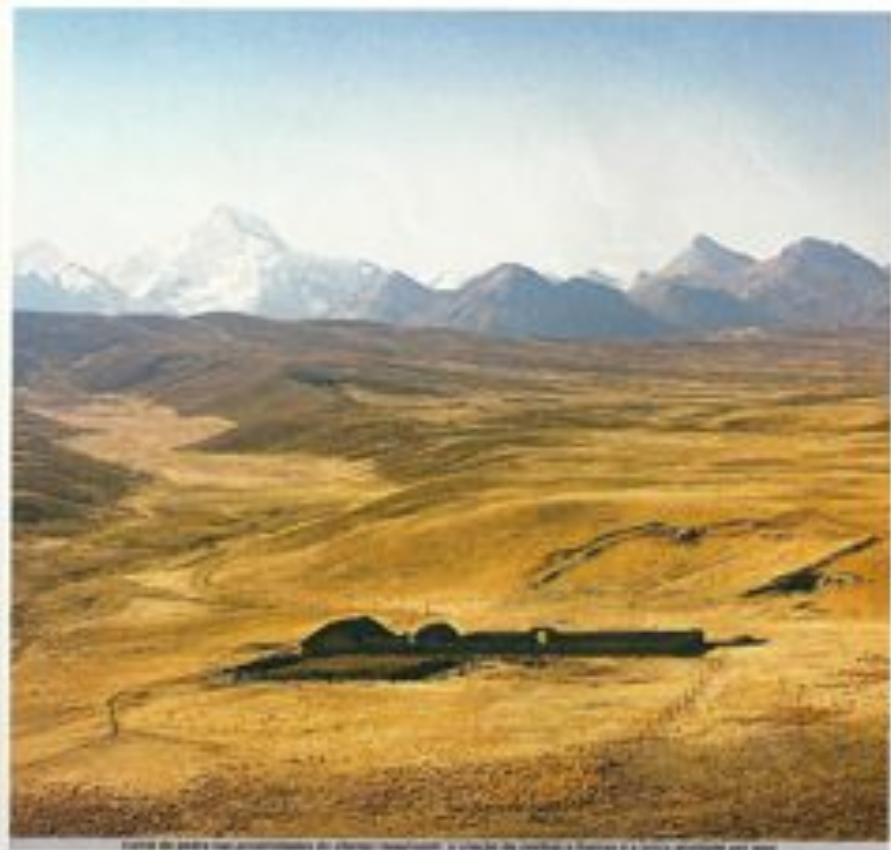
Alameda entre Cuzco e Machu Picchu: uma criança do município de Arequipa no meio da alta altitude.

era para ser o dia mais tranquilo da caminhada. Foi o pior de todos. A chuva de dia anterior havia transformado a trilha numa desastrosa mistura de barro e gelo, e mal se podia perceber o caminho. De repente, uma encruzilhada. O experiente guia Roman para e avalia a situação. Mostra-se infectado. Não sabe mais para onde ir. Pede ao grupo para esperar enquanto procura uma saída e some entre as rochas. Volta depois de alguns minutos e sai novamente. Regressa. Na terceira tentativa, o homem que era para ser a cabeça da equipe, simplesmente desaparece.

O grupo formado por Ricardo Damas, Andri Dill e Luis Guisacón não acredita no que está acontecendo. Tiv-
eram, em silêncio. Estão compartilhando o mesmo sentimento ruim, mas ninguém tem coragem de falar para morrer, só pode ter sido isso. Deve ter escorregado na lama e despenhado sem qualquer chance de sobreviver colossais. Por uma boa razão, ele se curva e beija o vento incessante que castigava os corpos já em seu último fôlego. O pânico começava a tomar conta das feições dos quatro homens, quando Roman aparece, subitamente. Ele ele havia se perdido nas rochas lamacentas e quase não conseguiu escapar algumas vezes. Mas conseguiu achar uma saída e agora eles podem seguir viagem.

Uma semana antes, quando chegaram a Cháquis, um vilarejo na base da Cordilheira Huayhuash, a 3000

metros ao norte de Lima, capital do Peru, os brasileiros sabiam das dificuldades que iriam encontrar pela frente. Mas não imaginavam o tamanho real da encosta. Ao contrário da vizinha Cordilheira Blanca, Huayhuash não é tão procurada por montanhistas e, por isso mesmo, oferece muito pouca estrutura. É preciso tomar três ônibus para ir de Lima até M – o primeiro para Moquegua, onde fica o último hospital antes das trilhas; depois para Cháquis



Um dos pontos mais impressionantes do itinerário: Huayhuash, a serra dos condor e Huancayo e a única estrutura por aqui.

metros ao norte de Lima, capital do Peru, os brasileiros sabiam das dificuldades que iriam encontrar pela frente. Mas não imaginavam o tamanho real da encosta. Ao contrário da vizinha Cordilheira Blanca, Huayhuash não é tão procurada por montanhistas e, por isso mesmo, oferece muito pouca estrutura. É preciso tomar três ônibus para ir de Lima até M – o primeiro para Moquegua, onde fica o último hospital antes das trilhas; depois para Cháquis

e em seguida para o minúsculo povoado de Umasac.

Para tentar a trilha de 210 quilômetros que costuma ser feita, sempre a uma altitude acima dos 4 mil metros, são necessários de dez a 15 dias. A recompensa pelo esforço é a beleza do lugar, que combina as montanhas nevadas com espíndulos lagos azuis, bosques e riachos cristalinos. Apesar de pequena, a cordilheira andina abriga sete picos acima dos 8 mil metros, entre eles o Toropaca, o segundo mais

De repente, o guia empaca, procura uma saída e some. Só volta meia hora depois, quando já era dado como morto



O vilarejo de Puque, no estado incaicó, abriga uma pequena capela, para não falar a igreja.

alho do Peru, com 6.334 metros, e oito montanhas que vão além dos 5.500 metros de altura.

Em Huaraz, capital do estado de Ancash, com cerca de 100 mil habitantes, os três se juntam ao guia Roman e ao coordenador Shales. Logo depois de Chiquian, o asfalto acaba e a estrada vai subindo em curvas e se deteriorando em pedregueiros cada vez mais assustadores. Em Llamas, a 3.300 metros acima do nível do mar, o grupo encontra

Ulfrido e uma huerca, indispensáveis para carregar os equipamentos e equipamentos da expedição. Todos sabem que o ideal teria sido acampar por pelo menos três dias em Llamas, para se aclimatarem à altitude. Mas estavam se sentindo tão bem que decidiram partir logo no dia seguinte.

A primeira parada, em Matucana, uma área de acampamento a 4.200 metros, levou três horas, com breve parada no vilarejo de Puque. Foi uma caminhada tranquila e até



O acampamento no passo San Antonio, no norte do país, foi o acampamento de maior altitude.

prazerosa, pelas belas paisagens que decorriam. Mas faltaram algumas horas para Huayhuash porque também ao lado havia passagens muito escorregadias na huerca, com um frio de 15 graus negativos de lado de fora. "E assim era mais intenso, já estávamos em outubro", lembra André Dib.

Eles haviam sido advertidos, porém, que o frio não é o maior obstáculo na cordilheira. Durante de outras expedições que à noite época para cruzar as montanhas de Huayhuash é justamente no dia mais quente, entre maio e setembro, por causa do tempo mais estável. Logo depois, a chuva e o degelo podem transformar as trilhas em sabão. Mas a viagem atravesou um pouco e eles acabaram indo em canchales. Poderia ser até melhor, pensaram, se não chovessem.

O sol nasce. Hora de partir. Após duas horas de uma interminável subida, a equipe chega ao povo Iguaque entre duas montanhas de Caracampunta, a 4.700 metros. Descem até 4.500 metros e voltam a subir até o povo de Yanayana, a 4.650 metros. O sol e o vento se deixam tranquilos e com fortes dores de cabeça.

Outro hora de sono depois, o próximo acampamento mostra por que vale tanto a pena enfrentar as intempéries e perigos da região. As huercas são montadas à beira da Laguna Carhuacocha, de frente para as montanhas floribanca, Sula Grande e Toropua, todos acima dos 6 mil metros e tão belas quanto desafiadoras. Sula Grande foi cenário de um acidente famoso, com o alpinista Joe Simpson (veja quadro).

Logo na primeira noite fez 15 graus negativos. Mas o frio era o de menos. Problema mesmo era a chuva



Yerupaja, não é nos apelidos de "devoradora de homens", é considerada uma das escaladas mais difíceis do mundo.

Por incrível que pareça, pensam assim naquela linda, porém intemporal lagoa. Habitam os vales da região, que antes serviam de ligação para as incas entre Cuzco, no sul do Peru, e Quito, no Equador. Em Carhuacocha, uma família divide três casinhas de adobe e telhado de galha. Sobrevivem vendendo o litro de suas orelhas e fumos em Llamac. Para chegar ao povoado, o que eles fazem pouquíssimas vezes por ano, gastam um dia inteiro em lombo de cavalo. As crianças estudam nas escolas mais próximas, em regime de internato, e só vão para as montanhas nas férias.

À base de analgésicos, os brasileiros seguem em direção ao passo Tiula (4.800 metros), cruzando na subida com

4 Quenilicocha, um conjunto de três lagoas formadas pelo degelo, cujas tonalidades vão do azul-turquesa ao verde. O dialeto com a exótica imagem das lagoas alivia o desconforto e os anima a continuar subindo até o acampamento de Huayhuash, a 4.200 metros de altitude, que dá nome à cordilheira. Depois de sete horas de caminhada, estão inclinados entre as encostas logo nas barracas ou arribas um hausto de gás num riacho de águas geladíssimas. Escalham o hausto, corajosamente, mesmo sabendo que o dia seguinte, o quente da travessia, prometia um reconfortante mergulho nas termas naturais à beira da Laguna Vicuña.

Por fazerem bem. Ao chegar ao acampamento no outro dia, depois de quatro horas e meio de caminhada, o frio desce-lhes que o sonhado hausto quente era na verdade bem-

O sobe-e-desce os deixa exaustos e com terríveis dores de cabeça. Resistem à base de analgésicos



De vez em quando, a linha esmagada cruza o caminho. Não paramos. Para uma formação, por exemplo.



A Lagoa Carhuacocha, com os picos Siula Grande, Yerupaja, Yerupaja



Chico e Jirishanca ao fundo. Um espetáculo andino de rara beleza

Com o guia peruano entalado na garganta, os brasileiros partem para o último dia rumo ao pico de Tapuca (4 900 metros), e daí para o acampamento em um curral de pedras chamado Inkapampa (4 700 metros), deixando o desafio de escalar o nevado Dúo Dúo, de 5 400 metros, para o dia seguinte.

Entre a neve e os italianos

A aventura começa cedo. Às 10:30 da manhã, já estão todos de pé, conferindo o equipamento. Às 6, iniciam o trekking de aproximação com o rio sendo estreado, pois serão no mínimo 13 horas de caminhada até o topo. Às 8, o grupo se arma com um par de poleáins, um par de grampos e uma piqueta cada um. Agora não há mais trilhas de pedras e terra. O desafio é subir o escorregadio pedaço de gelo, e qualquer descuido representa uma arriscada e imprevisível queda no vazio.

A densa neblina, o primeiro cume, de 5 200 metros de altitude, é alcançado. Às 11 horas, é a vez do segundo cume. A esforça da conquista dura pouco, já que uma avalanche silenciosa negra se aproxima. A descida acontece no lado oposto à subida. O trecho com os pesados equipamentos é relativamente curto, mas será necessário montar dois lan-

tes de rapel para sair dali. A descida é literalmente contra o tempo. No meio do segundo trabalho de cordas, uma tempestade de neve atinge em cheio a equipe. O que parecia ser simples vira então uma grande e perigosa empreitada. Para passar, um grupo de oito indianos italianos congela o solo, e eles são obrigados a esperar num lugar estreito e congelante.

Terminado mais um perrengue, os brasileiros andam por cerca de quatro horas até Jahuacocha, onde montam mais barracas e passam o dia todo descansando. O clima, não o li de cima, mas o que paira nas nuvens dos arredores, é de despedida. Após nove dias de tensas caminhadas, eles conseguem ter acesso do peruano circular pela Cordilheira Huayhuash que conseguiram realizar. Agora podem arriar a carga para as montanhas que viram na chegada da trilha. Comemos em tomando cervejas estupidamente geladas, servidas por um esperto morador local, que coloca as garrafas no fundo de um lago gelado.

No décimo dia após de volta a Llamac, ponto de partida e chegada de uma exaustante travessia de mais de 60 horas, e podem finalmente relaxar. O porcelão é mineralizado e sulfado, mas não encontram cama e banho quente. Não precisam de mais nada. Estão no paraíso. ❧

Na reta final, eles têm de caminhar 13 horas e vencer dois picos. Vão sonhando com cerveja, cama e banho quente

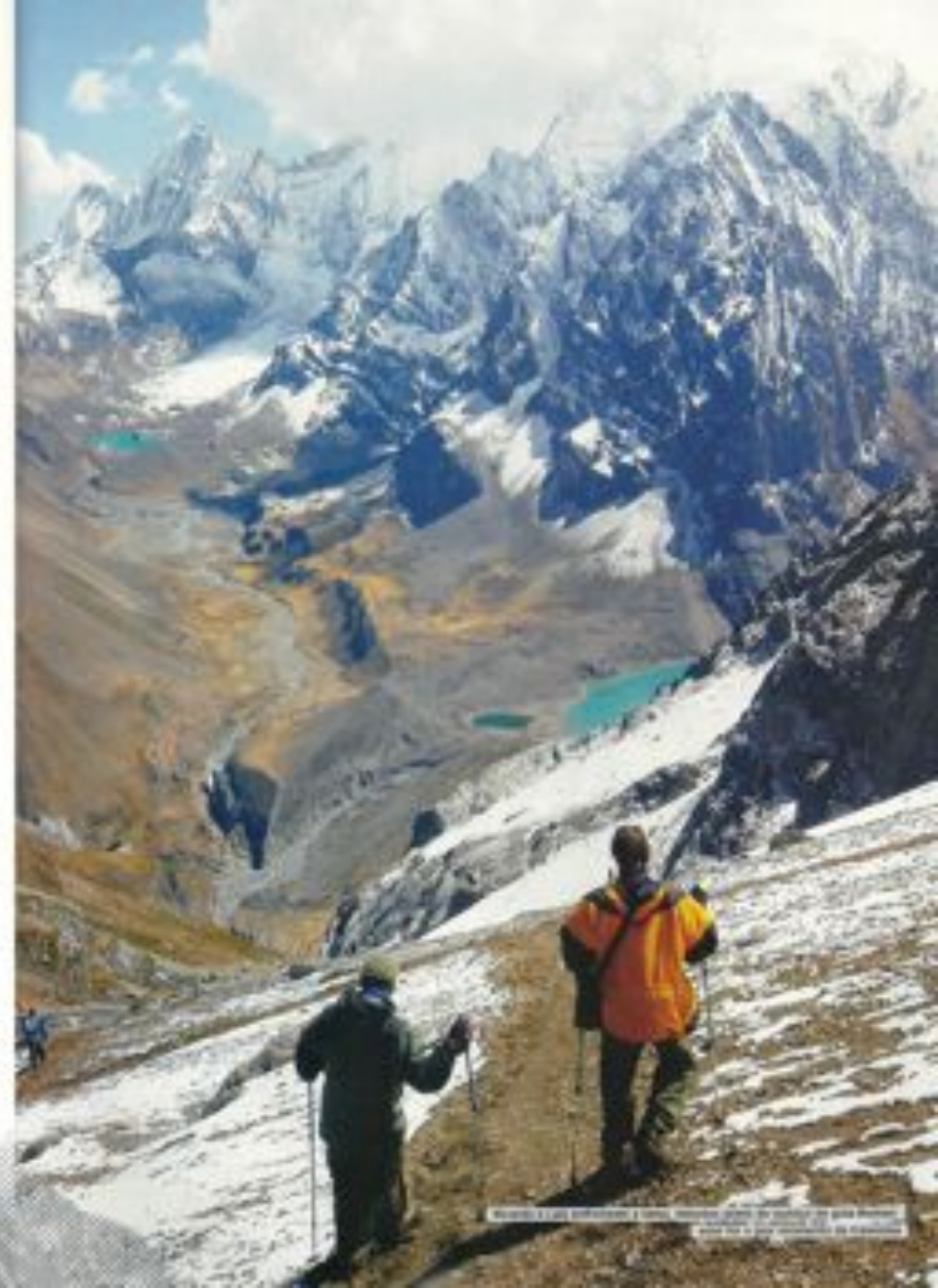
O MILAGRE DE SIULA GRANDE



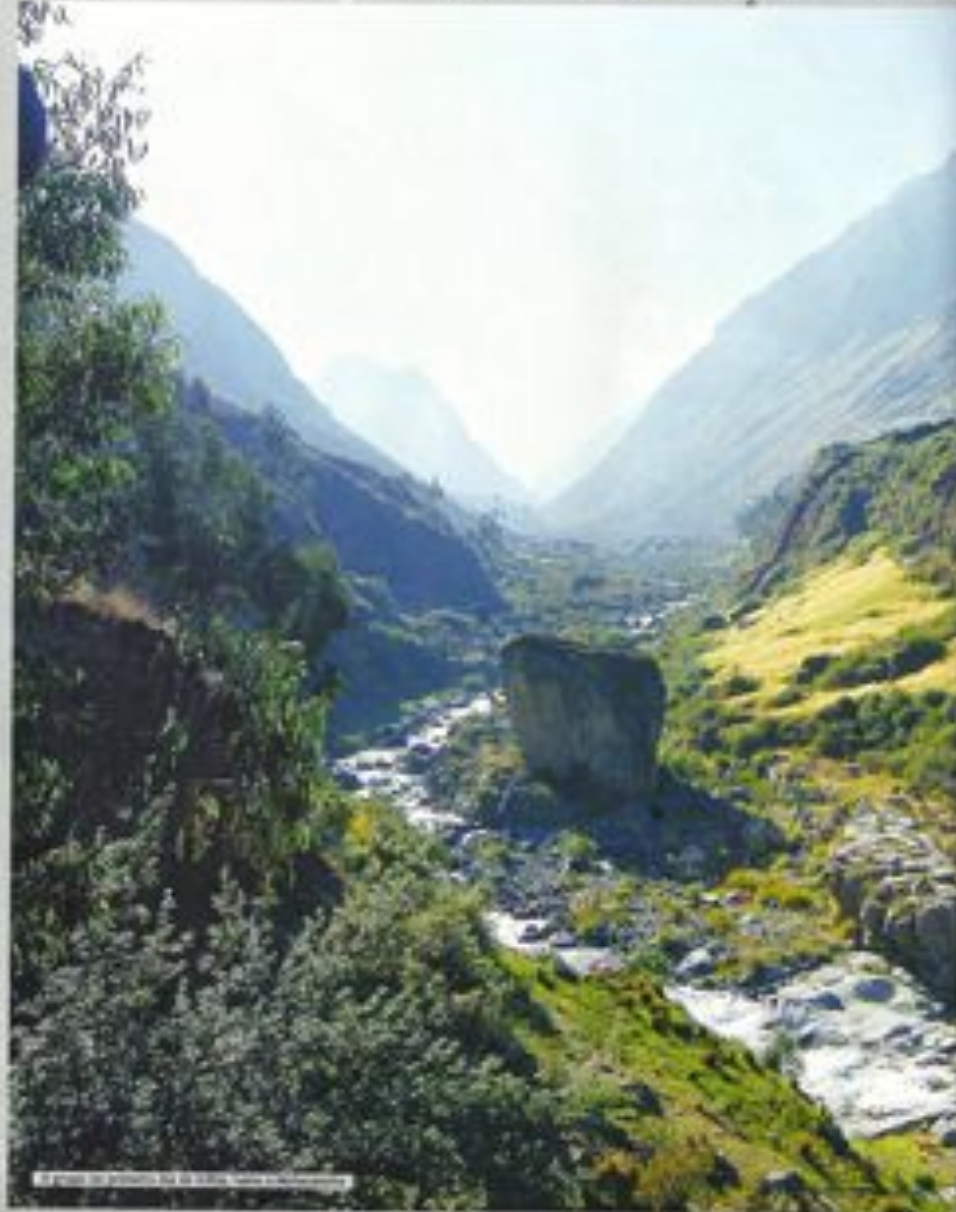
Em 1995, os alpinistas britânicos Joe Simpson e Simon Yates tentaram subir uma face quase vertical da montanha Siula Grande, com o 844 metros de altitude, uma das mais altas da Cordilheira Huayhuash.

A empreitada era para durar três dias antes de a volta, mas aconteceu desastrosamente de pouco de gelo fundiu com que eles deslizaram mais longe do que chegaram ao cume. Apesar de esforços com a conquista, os dois precisaram descer logo, já que seus equipamentos de água e alimento tinham acabados. No momento de descer, Joe caiu silenciosamente e quedou um pouco. A única saída para sobreviver foi dar uma mão para Simon virar os 11 metros de cordão deslizando para embalar o equipamento e o ajudando nos cinco metros finais, até completar os 11 metros. Então, ele deu um pulso para ajudar Joe a descer tudo bem, e Simon veio na assistência. A volta começou a ser árdua quando aconteceu, e uma avalanche fez com que Simon escorregasse, desmoronando. Joe pensou que seria de um momento a felicidade inesperadamente quando continuou, e Simon conseguiu segurar o peso de seu amigo por uma hora, mas sem saber se ele estava vivo ou morto, resolveu comer a comida de reserva de perspectiva de ambos momentos.

Joe caiu numa fenda, mas o impacto foi amortecido pelo neve. Um mês e meio depois, ele viveu no interior da corda para chegar ao fundo do buraco em que se encontrava. Na manhã seguinte, um nevoeiro de luz indicou uma saída, e Joe pulso miraculosamente até a lateral da montanha. Amarrado ao por outro escalador, conseguiu chegar três dias depois ao acampamento, onde encontrou o peruano que já o considerava morto. Três anos depois, Joe Simpson publicou *Touching the Void* (TOUCHING THE VOID), contando sua história impressionante. Em 2000 criou *Touch*, um o filme de desafio vertical.



Montanhas e gelo em Patagonia. Foto: Reuters/Corbis/Contrasto. Foto: Getty Images/Contrasto



COMO CHEGAR

Tudo começa aqui em São Paulo para Lima e Bolívia: **AVIANCA** (0800 000 000), **TAAM** (0800 300 000) e **TRIP** (0800 200 000). A passagem varia de R\$ 600 a R\$ 1.000, conforme a época do ano. De Lima a Cuzco, a viagem é de ônibus, em 600 minutos. Na primeira, são Huancayo, e depois escalafon entre várias empresas, mas de preferência agências com nomes claros - a noite podem ocorrer acidentes. Entre Huancayo e Chiquiza, os ônibus são mais novos, e muito pontuais. Pegar o primeiro que puder. De Chiquiza a Cuzco, a outra alternativa é o coletivo que sai por volta de R\$ 40 por pessoa.

ONDE FICAR

Em Cuzco, fique em hotéis em centros. **Casa Andina Miraflores** (0800 000 000) e **Sol de Oro** (0800 000 000) são em Huancayo. **Andina** (0800 000 000) e **Los Porcelanos** (0800 000 000) são em Cuzco, de 8 horas de viagem a viagem.

QUEM LEVA

A **Plus Trekking**, (0800 000 000) tel: (11) 5072-4000, oferece um pacote de 10 dias para a Cordilheira Huancayo, a partir de R\$ 1.100 por pessoa. A temporada geralmente dura de 12 dias a alguns meses. A primeira saída será em 31 de agosto, um pacote semelhante de **El Esfuerzo**, (0800 000 000) tel: (11) 5072-4000, também de 10 dias, sai em 02 e 03 de setembro. De 8 a 10 dias, há pacotes de **Montañas e Aventuras**, (0800 000 000) tel: (11) 5072-4000, a de 17 dias, o custo de 2.200 por pessoa. Todos incluem guia brasileiro, transporte a partir de Lima, hospedagem em acampamentos, alimentação de café e transporte de bagagem em mulo, barman e cozinha.

MELHOR ÉPOCA

A melhor época para fazer a trilha da Cordilheira Huancayo é entre os meses de maio e setembro, quando praticamente não chove.

O QUE LEVAR

- Botas de amarradas e com solado aderente
- Tênis de jornal com solado aderente
- Camisa grossa para frio
- Capa com capuz, resistente à água e vento, com cordões elásticos
- Calças de trilha que sejam termolétricas
- Luvas
- Dormi de 8 de fibra sintética
- Calças térmicas e/ou impermeáveis
- Meias compridas a partir de 10 dedos, com cano de algodão
- Mochila de 50 a 60 litros para os dias de trekking
- Chapéu
- Óculos de sol, com proteção total contra raios ultravioleta
- Mosquiteiro para ficar de 10 a 15 metros
- Repelente de insetos
- Lanche de calça e pilhas extras